

Pré-discurso e Facebook: entre o bate-boca e a cognição distribuída

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i2.3251>

Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues Rezende¹

Resumo

Neste trabalho, analiso o funcionamento discursivo do Facebook com base no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa. Os dados analisados foram coletados em uma página pública – *Quebrando o tabu* – dessa rede social. Parto da hipótese de que a enunciação no Facebook é condicionada por um dispositivo comunicacional que congrega sistemas de hipergenericidade e mídiun, sendo que cada uma dessas dimensões impõe diferentes coerções à comunicação. Com base no conceito de pré-discurso, procuro demonstrar que há um sistema cognitivo em que vários *inputs* atuam para um mesmo *output*: a criação e manutenção de bate-bocas em comentários no Facebook. Observei que o que se debate por meio de comentários é a estabilidade/instabilidade dos quadros pré-discursivos que orientam a produção e a interpretação dos discursos. A análise aponta fortemente para a viabilidade das hipóteses assumidas.

Palavras-chave: Análise do Discurso; dispositivo comunicacional; pré-discurso; Facebook

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; breno.r.rezende@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1909-3967>

Discourse and distributed cognition: from the communicational device to the pre-discourses of discussions on Facebook

Abstract

The objective of this work is to analyze the discursive functioning of Facebook based on the theoretical and methodological framework of French Discourse Analysis. The analyzed data were collected on a public page in that social network. I start from the hypothesis that enunciation in Facebook is conditioned by a communicational device that combines hypergenericity systems and medium, each of those dimensions imposing different coercions on communication. Based on the concept of pre-discourse, I seek to demonstrate that there is a distributed cognitive system that acts towards the creation and maintenance of discussions among Facebook comments. I have observed that what is debated in those comments is the stability/instability of pre-discursive frameworks that guide the production and interpretation of such discourses. The analysis strongly points to the viability of the assumed hypotheses.

Keywords: Discourse Analysis; communicational device; pre-discourse; Facebook.

Introdução

Este trabalho decorre de minha pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O objetivo dessa pesquisa é explicar aspectos discursivos da enunciação no Facebook. Mais especificamente, explicar o funcionamento de bate-bocas que se instituem nos comentários de uma página dessa rede social, a *Quebrando o tabu*.

A partir do quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), mobilizo os conceitos de dispositivo comunicacional (MAINGUENEAU, 2006, 2013) e de pré-discurso (PAVEAU, 2013). Além desses, assumo a perspectiva da cognição distribuída (HUTCHINS, 2000) que parece contribuir para a explicação do fenômeno que busco analisar.

Como hipótese, assumo que o dispositivo comunicacional da enunciação de *Quebrando o tabu*, uma página pública brasileira que conta com mais de dez milhões de seguidores, congrega a dimensão de um sistema de hipergenericidade e a do mídiu Internet, por meio das quais a enunciação é disparada/organizada. Além disso, também assumo que o Facebook pode ser tomado como uma ferramenta cognitiva/discursiva, uma instância de um sistema de cognição distribuída que atua para a manutenção de bate-bocas em comentários publicados nessa rede social que visam, por assim dizer, debater pré-discursos – quadros coletivos de crenças, saberes, valores e práticas (PAVEAU, 2013).

O trabalho está organizado em quatro seções: na primeira, *O “dispositivo” em Análise do Discurso*, apresento as concepções filosóficas e enunciativas que me permitem considerar o termo “dispositivo” e explico em que medida sistema de hipergenericidade e mídiun constituem dimensões da enunciação no Facebook; na segunda, *Uma dimensão cognitiva para o discurso: a cognição distribuída*, apresento o conceito de pré-discurso e a vertente distribuída de estudos da cognição que Paveau (2013) reivindica para o conceito de pré-discurso; na terceira, apresento *Uma breve análise*, por meio da qual procuro demonstrar a viabilidade das hipóteses estabelecidas; encerro com as *Considerações finais* e, em seguida, apresento as referências.

O “dispositivo” em Análise do Discurso

Em Análise do Discurso (doravante AD), recorrentemente tem-se adotado o termo “dispositivo” para se explicar processos de subjetivação da linguagem. Nesta pesquisa, alinho-me a duas perspectivas para tentar situar o modo como a ideia de “dispositivo comunicacional” é mobilizada, a saber: uma filosófica e outra enunciativa.

Do ponto de vista da filosofia, recorro à conferência de Giorgio Agamben (2005) em que ele deslinda sobre *O que é um dispositivo?*. Primeiramente, o autor retoma a importância da questão terminológica para a filosofia e busca compreender o enquadramento que o termo “dispositivo” recebe no pensamento foucaultino. Há, de acordo com Agamben, pelo menos três acepções que permitem descrever o uso que Foucault faz do termo:

- i. como conjunto heterogêneo de elementos linguísticos e não-linguísticos (discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas, entre outros);
- ii. como elemento que elabora uma função estratégica que permite inscrever-se em uma relação de poder;
- iii. como algo de geral, uma rede, porque inclui em si a episteme, o que, para Foucault, permite que em uma dada sociedade se possa distinguir aquilo que é aceito como enunciado científico do que não é.

Todos esses três usos se articulam na definição de Agamben (2005) sobre o modo com que Foucault emprega o termo “dispositivo”: “disposição de uma série de práticas e de mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos, militares) com o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito” (p. 11). Dessa forma, tal articulação também revela a preocupação do pensamento foucaultiano em se descrever os modos concretos com que os dispositivos atuam sobre as relações, sobre os mecanismos e sobre os jogos de poder.

Todavia, Agamben elabora uma extensão do uso foucaultiano de “dispositivo”, informando que essa categoria não está estritamente ligada às relações de poder, e sim a um modo de gestão da subjetivação. Retomando o princípio teológico cristão de *oikonomia*, que explica de que maneira o poder divino, embora uno, é espreado pela tríplice pai, filho e espírito santo, define o dispositivo como:

Qualquer coisa que tenha algum modo de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panótipo, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – porque não – a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares de anos um primata – provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar. (AGAMBEN, 2005, p. 13).

Considerando tal definição, é possível afirmar que, do ponto de vista filosófico, o termo “dispositivo” condiciona um modo de gestão do que é entendido como subjetivação: a relação que se estabelece entre os seres vivos e suas práticas, sua *oikonomia* – relação da qual decorre a categoria de sujeito, instância subjetiva correlata das práticas sociais.

Do ponto de vista enunciativo, recorro à obra de Dominique Maingueneau em que o termo “dispositivo comunicacional” é bastante recorrente e aponta para um uso mais especializado, do ponto de vista assumido neste trabalho, da ideia de “dispositivo”. Em *Discurso literário*, por exemplo, Maingueneau (2006) define a categoria de gênero discursivo como um “dispositivo comunicacional sócio-historicamente constituído”, por meio do qual a enunciação é, por assim dizer, “disparada”. Isto é, desse ponto de vista, o modo de produção, circulação e recepção dos enunciados é fortemente condicionado pelo dispositivo do qual a enunciação se origina. Por sua vez, ao se reportar à categoria de mídiu, em *Análise de textos da comunicação*, Maingueneau (2013) define esse conceito como processo de mediação da linguagem que reveste uma ideia de força material e que deve ser incluído no dispositivo comunicacional, ao lado do gênero e do canal material *stricto sensu* do enunciado, “logo de saída”.

Nessa concepção, o dispositivo comunicacional deve ser analisado como um fenômeno que congrega diferentes dimensões capazes de organizar/disparar a enunciação, cada uma operando sobre ela diferentes tipos de coerção simultaneamente. Isso ocorre, porque, conforme Maingueneau (2013, p. 82) explica, a comunicação não é um processo linear que se inicia pela “necessidade de se exprimir por parte do enunciador; pela concepção de sentido; em seguida pela escolha de um suporte e de um gênero; posteriormente, pela produção; pela busca de um modo de difusão” e, quiçá, por um hipotético encontro

com um destinatário. Diferentemente, a comunicação depende de um dispositivo comunicacional responsável por organizá-la, integrando, pois, todas essas dimensões.

Sendo assim, conforme as duas concepções consideradas, a filosófica e a enunciativa, o termo “dispositivo” aponta para um conceito capaz de explicar certo modo de gestão que condiciona tanto a subjetivação como a enunciação. Trata-se de um aporte conceitual importante, cuja abordagem pode permitir descrever aspectos discursivos da enunciação em comentários publicados no Facebook, como tentarei demonstrar.

Dispositivo comunicacional e enunciação no Facebook

Maingueneau (2010) afirma que a *web* transforma as condições de textualidade, inclusive aspectos de genericidade que se configuravam em um universo recente em que o impresso prevalecia. Para o autor, a problemática da cena de enunciação, que congrega cena englobante (relativa ao tipo de discurso), cena genérica (relativa ao gênero do discurso) e cenografia (cena construída no/pelo texto/discurso), é transgredida na internet. Diferentemente da tradição do impresso, na *web* a cenografia assume papel central no modo de configuração da cena de fala.

Em função dessa transgressão, que transforma certo regime de textualização, Maingueneau afirma que os *websites* podem ser mais bem analisados pela categoria de hipergênero. Conforme o autor explica, as páginas da internet são fortemente condicionadas por aspectos técnicos dos *softwares* que permitem desenvolvê-las, impondo que a identidade semântica de cada página seja instituída pela cenografia construída no/pelo discurso.

Maingueneau define hipergênero como uma categoria que impõe fracas coerções à enunciação, diferentemente do gênero discursivo – segundo o qual, pode-se, por exemplo, com boa margem de acerto, intuir o estatuto dos co-enunciadores antes mesmo que a enunciação seja posta efetivamente em curso. O hipergênero, segundo o autor, produz uma formatação dos conteúdos, mas não deve ser entendido apenas como um modo de formatação de textos, porque ele impõe a necessidade de que sejam construídas cenografias para a instauração do processo de semantização das identidades discursivas dos enunciados que dele se originam. Desse modo, conforme observei em trabalho anterior (Cf. REZENDE, 2017), na internet o par hipergênero/cenografia sempre deve ser considerado para a análise da (hiper)genericidade de *websites* a partir do quadro postulado por Dominique Maingueneau.

Em relação à rede social Facebook, como também verifiquei anteriormente, a questão se complexifica ainda mais. Como essa rede social permite o compartilhamento de um número quase indeterminado de outras páginas da internet, o que está em jogo é o modo

de gerenciamento das identidades das páginas dessa rede social, constituídas conforme as cenografias que se mobilizam, tendo em vista que o “compartilhar” do Facebook constrói nele um movimento de convergência, como se ele se comportasse como uma efetiva “janela para o mundo”, através da qual conecta-se a tudo e a todos. Instaure-se, assim, um sistema que permite que tudo convirja para o interior dessa rede social e que demanda que exista um modo de gestão entre a identidade da página e os elementos que a ela se relacionam por meio do compartilhamento.

A esse sistema é que me refiro como sistema de hipergenericidade (REZENDE, 2017, 2018), na medida em que o que é posto em relação são, em última instância, páginas da internet, consideradas por Maingueneau (2010) como hipergêneros. Nesse sentido, a mobilização do conceito de “sistema” é tributária da concepção de língua formulada por Ferdinand de Saussure no *Curso de Linguística Geral* (2012 [1916]), que, grosso modo, afirma que o sistema é próprio da ordem da língua e seus elementos ganham identidade a partir das relações estabelecidas com os demais elementos desse sistema. Correlativamente, a relação entre as identidades das páginas do Facebook com as unidades que nelas são compartilhadas submete-se a um funcionamento discursivo, que legitima o que se pode ou não compartilhar, aos moldes de um sistema de restrições semânticas, tal qual é postulado por Maingueneau (2008) em *Gênese dos discursos*. Segundo o autor, o sistema de restrições semânticas está ligado ao funcionamento da competência discursiva de sujeitos inscritos em um dado posicionamento. Sendo assim, esse sistema produz uma “filtragem” por meio da qual o discurso legitima ou não aquilo que pode ser enunciado a partir de um posicionamento. Com base nesse aspecto, também é possível aproximar o conceito de sistema de restrições semânticas do conceito de sistema de hipergenericidade: em ambos os casos, o que está em jogo são as regularidades de um funcionamento discursivo que conflui para a manutenção de um dado posicionamento/identidade discursivo/a.

Uma das hipóteses que assumo neste trabalho é a de que o sistema de hipergenericidade constitui uma dimensão do dispositivo comunicacional que coloca em curso a enunciação via rede social Facebook. Mais especificamente, parto da hipótese de que o sistema de hipergenericidade, acoplado à dimensão do mídiu *web*, constitui um dispositivo que atua sobre a configuração de bate-bocas em comentários dessa rede social.

A categoria de mídiu, conforme anteriormente mencionado, mobilizada por Maingueneau (2006, 2013), diz respeito às mediações da linguagem por meio das quais uma ideia é revestida de força material. Tal noção é tributária do *Curso de midialogia geral* de Régis Debray (1993). Esse estudioso assevera que o mídiu (traduzido do original em francês *médium*) não deve ser confundido com *mass media* que, para ele, é apenas um prolongamento tardio das práticas de mediação da linguagem. A midialogia refere-se ao estudo dos modos de transmissão e circulação de ideias, o que não é restrito ao advento da mídia. Nas palavras do autor:

Uma mesa de refeição, um sistema de educação, um café-bar, um púlpito de igreja, uma sala de biblioteca, um tinteiro, uma máquina de escrever, um circuito integrado, um cabaré, um parlamento não são feitos para “difundir informações”. Não são “mídia”, mas entram no campo da midiologia enquanto espaço e alternativas de difusão, vetores de sensibilidades e matrizes de sociabilidades. Sem um ou sem outro desses “canais”, esta ou aquela “ideologia” não chegaria a ter a existência social de que podemos dar testemunho. (DEBRAY, 1993, p. 15).

Tanto em Maingueneau (2006, 2013) quanto em Debray (1993), a categoria de mídiun é compreendida como fenômeno ligado ao momento sócio-histórico que lhe permite a existência. Maingueneau, por exemplo, explica em que medida o desenvolvimento das práticas discursivas contribuiu para o surgimento de novos mídiuns na sociedade, demonstrando que há diferenças expressivas nos regimes instaurados entre os mídiuns orais, escritos, impressos e, especialmente nos dias de hoje, digitais, como a Internet.

É necessário destacar que, para Maingueneau, o funcionamento do mídiun não deve ser limitado apenas ao canal material *stricto sensu* de um enunciado, por meio do qual se poderia transmitir uma mensagem estável. A posição do autor é radical ao afirmar que o mídiun atua como uma dimensão do dispositivo comunicacional e que uma mudança midiológica reverbera inclusive sobre o conjunto de gêneros discursivos que medeiam a enunciação. Nesse sentido, o mídiun deve ser entendido como fenômeno que impõe coerções sobre aspectos enunciativos, como o modo de transmissão, circulação e consumo dos enunciados, ou seja, como fenômeno que condiciona a existência de uma prática social, e não meramente como um “canal material” acessório da enunciação.

Em *Mundos ético e mídiun: uma cenografia paulistana para a ciência brasileira*, Salgado e Delege (2018, p. 377) definem o mídiun como um “imbricamento do que se tem referido nos estudos discursivos como *circulação* com o que se costuma referir nos estudos da linguagem como *suporte*”. Sem a pretensão de estabelecer uma relação biunívoca entre as duas noções, as autoras apenas apontam para a articulação de um vetor de sensibilidade a uma matriz de sociabilidade, o que permite, nessa leitura da obra de Debray, definir a existência de um mídiun. Conforme explicam, as matrizes são organizações materializadas (OM), isto é, instituições fiadoras de discursos em função das práticas sociais e dos valores que cultiva. Por sua vez, o vetor de sensibilidade atua como matéria organizada (MO), sendo os próprios objetos técnicos, que se encontram no centro da preocupação da análise midiológica, em que o mídiun se define: “dispositivos inscricionais que afetam os sentidos de um texto e eventualmente até mesmo do que é um texto” (SALGADO; DELEGE, 2018, p. 377). Considerando essa metodologia, dentre outras coisas, as pesquisadoras analisaram a relação que se estabelece entre o objeto editorial Revista *Pesquisa Fapesp*, enquanto um vetor de sensibilidade (uma MO), e uma rede de instituições afiançadas pela agência de fomento à pesquisa que é a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), enquanto matriz de sociabilidade

(uma MO). Elas verificaram que, com relação às práticas científicas, a revista, comparada às dissertações e teses, por exemplo, que têm apoio da Fapesp, é um mídiun mais “fluido” e tem como fim dar voz à própria instituição.

Todavia, neste artigo, não tenho a pretensão de conjugar, à maneira do trabalho de Salgado e Delege (2018), uma OM a uma MO. A internet, conforme definição de Castells (2003), desde sua origem, foi condicionada por um valor de cooperação e solidariedade, o que resultou na criação de uma arquitetura “aberta”, em função da qual os usuários da rede se apoiam sob um estatuto de “protagonismo” na edição, produção e circulação dos conteúdos que são compartilhados na internet. Sendo assim, ainda que não se possa falar em uma MO específica para essa grande OM na qual a rede se constitui, o fato mesmo de ela propagar valores e fazer incidir sob a enunciação, colocada em curso por meio dela, um suposto aspecto de “anonimato” revela um funcionamento midiológico em relação à propagação de ideias que a categoria de mídiun pressupõe. Em outras palavras, isso quer dizer que, neste caso em específico, uma matriz de sociabilidade não coincide com um vetor sensibilidade específico, mas atua na dispersão material de ideias, o que é recoberto pela dimensão do mídiun conforme teorizado por Debray (1993).

Pollyana Zati (2016), uma analista do discurso que se ocupou da análise de comunidades discursivas de escritores de *fanfictions* na internet, verificou que, enquanto mídiun, a rede é compreendida como espaço aberto, no qual se pode enunciar o que se quer e como se quer, inclusive por meio de um registro verbal violento. Essa violência verbal é resultado de um modo de funcionamento desse mídiun, que permite supor que a enunciação via internet é aberta, livre, efeito condicionado por um suposto espectro de anonimato que o mídiun constrói sobre a enunciação² (REZENDE, 2017).

Em análise de comentários postados na página *Quebrando o tabu* na rede social Facebook (REZENDE, 2017, 2018), observei que a violência verbal, indicada por Zati (2016), também é recorrente. As marcas desse registro variam entre ironia, sinais gráficos de alteração do “volume de fala”, injúria, entre outros. Por sua vez, o registro violento que se observa nos comentários da página pode ser descrito como um dos elementos que constitui os bate-bocas que nela se instauram.

Não se trata, neste caso específico pelo menos, de um efeito determinado apenas pela dimensão do mídiun, mas também pela incidência do sistema de hipergenericidade

2 Ainda que os usuários da internet não se prestem a comentar temas que possam pressupor controvérsia, e por consequência violência verbal nos enunciados, a pretensa “liberdade enunciativa” condicionada por esse mídiun se verifica com base em outros indícios, como a informalidade dialetal que se pode mobilizar na internet, a possibilidade de se editar e de se apagar o que foi postado, entre outros, que transformam o usuário da *web* em uma espécie de “senhor de sua própria experiência”.

sobre o dispositivo comunicacional que a enunciação engendra. Em *Quebrando o tabu*, são postas a circular publicações que tematizam assuntos controversos (como machismo, feminismo, armamento de civis, descriminalização das drogas, direito de minorias, etc.), a partir de um posicionamento “mais progressista” que se verifica da página. Em função desse posicionamento, os assuntos abordados são apresentados como temas a serem debatidos, permitindo-se assim descrever que a identidade cenográfica das publicações da página constitui um “fórum de discussão”, o qual atesta sua identidade semântica de uma página contestadora – que visa, por assim dizer, quebrar tabus, conforme o próprio nome indica. É em função dessa identidade semântica, construída em um sistema de hipergenericidade que busca promover sua manutenção, que são postados comentários, contrários, afins, “neutros”, entre outros em relação ao posicionamento da página.

Nesse sentido, pode ser possível descrever pelo menos duas dimensões que constituem o dispositivo comunicacional da enunciação de *Quebrando o tabu* no Facebook: a do mídiun internet, que permite a recorrência da violência verbal nos enunciados, em função de um suposto efeito de anonimato, e a do sistema de hipergenericidade, que impõe os temas a serem “comentados”/debatidos. Além disso, é possível considerar que “dispositivo” se mostra como termo adequado para se explicar processos de constituição e de organização da enunciação, justificando, assim, a abordagem filosófica (AGAMBEM, 2005) e enunciativa (MAINGUENEAU, 2006, 2013) a que procedi em relação ao uso do conceito.

Uma dimensão cognitiva para o discurso: a cognição distribuída

Marie-Anne Paveau (2013) defende que seja produtivo incluir na análise discursiva uma dimensão cognitiva. De acordo com a autora, a AD tem se mostrado profundamente aberta para se produzir interfaces teóricas com diversas áreas. Acentua-se, assim, a produtividade das pesquisas desenvolvidas sob a tutela dessa disciplina ao lidar com um número extenso e diversificado de *corpora* que se impõem à preocupação dos analistas.

Conforme seu intento, de dotar a AD de uma dimensão cognitiva, Paveau (2013, p. 130) postula o conceito de pré-discurso, definido por ela como “conjunto de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, e práticas), que dão instruções para a produção e interpretação do sentido no discurso”, disponíveis a todo e qualquer discurso, mesmo àqueles que não apresentam níveis elevados de institucionalização e “controle”. Trata-se de um conceito ligado ao primado da intersubjetividade, que informa que o pré-discurso é coletivo, anterior ao discurso e partilhado por uma dada comunidade – uma concepção de sentido que permite, pois, integrar uma dimensão cognitiva à análise discursiva.

A posição teórica reivindicada por Paveau no que diz respeito à cognição é a de Hutchins (2000), que busca analisar os sistemas cognitivos a partir de sua distribuição entre o sujeito, seu ambiente social e seu ambiente material: a cognição distribuída. Nessa perspectiva, a cognição deixa de ser entendida como fenômeno restrito à “cabeça do

indivíduo” e passa a ser considerada como produto das relações sociais e da incidência de ferramentas cognitivas sobre a produção do conhecimento humano.

Paveau (2013) apropria-se da ideia de ferramenta cognitiva (blocos de nota, computadores, aparelhos celulares, qualquer artefato que atue sobre a produção do conhecimento e das atividades humanas) de Hutchins, considerando-a como ferramenta discursiva. Para a autora, são ferramentas da tecnologia discursiva os artefatos linguísticos como os manuais, os dicionários, as antologias, as coleções de provérbios, entre outros que pressuponham a distribuição de saberes, valores, crenças e práticas enquanto quadros coletivos de pré-discursos comuns a uma dada coletividade.

Além disso, Paveau se alinha à posição do filósofo Hillary Putnam, esclarecendo que existem ferramentas, como a chave e o martelo, de uso mais individualizado. Porém, seu interesse recai sobre aquelas ferramentas que requerem cooperação entre sujeitos para que possam ser postas a funcionar, como o navio ou o avião – este último constitui uma metáfora exemplar do modo de funcionamento da cognição distribuída, já que a pilotagem da aeronave demanda um sistema de conhecimentos que se distribui entre o piloto e a máquina, a partir das informações contidas na caixa preta desse artefato.

É este o enquadramento que, em minha pesquisa de doutorado da qual este trabalho decorre, tenho dado à rede social, isto é, de ferramenta discursiva, pois congrega, juntamente com os sujeitos que interagem em publicações no Facebook, um sistema em que vários *inputs* atuam para a realização de um mesmo *output*: a manutenção de bate-bocas, por meio dos quais se pode indiciar a presença de pré-discursos em comentários publicados em publicações de *Quebrando o tabu*. Desse modo, a manutenção dos bate-bocas, conforme hipótese estabelecida, é condicionada tanto pelo dispositivo comunicacional que a enunciação engendra, quanto pela incidência dos pré-discursos sobre o discurso, promovendo, como um possível efeito, a manutenção dos bate-bocas na rede social.

Uma breve análise

Conforme apontei anteriormente, a página de *Quebrando o tabu* no Facebook possui um posicionamento que pode ser descrito como “mais progressista” em relação aos temas que aborda em suas publicações. O nome *Quebrando o tabu* é o título de um documentário de 2011, dirigido por Fernando Grostein Andrade, sobre o debate das drogas e da violência no Brasil³. No entanto, a página analisada, apesar da nítida referência ao filme, faz circular muitos outros temas, que dividem a opinião de quem acessa suas publicações no Facebook. Em geral, os administradores introduzem uma notícia compartilhada, uma imagem ou uma charge, entre outros, por meio de dizeres que atestam o posicionamento que observamos emergir do discurso de *Quebrando o tabu*. Vejamos o exemplo:

3 Disponível em: <http://www.quebrandootabu.com.br/sobre/projeto>. Acesso em: 18 jul. 2016.

1.4



Na captura de tela apresentada em 1, é possível observar um meme⁵ que faz alusão a uma família “heterogênea”, em que uma galinha, considerada pelo enunciador como “desconstruída”, isto é, livre de preconceitos, cuida de filhotes de animais de outra espécie, cachorros, como se fossem seus “filhos”, “para lembrar que o conceito de família pode ser o que você quiser”. Além disso, o meme que fora compartilhado pela página *Quebrando o tabu* é introduzido com os seguintes dizeres: “galinha fofinha quebradora de tabus”.

4 Disponível em: goo.gl/txvgPm. Acesso em: 21 set. 2016.

5 Espécie de enunciado humorístico que circula na internet, especialmente nas redes sociais.

A discussão, proposta por essa publicação de 2016 da página, remonta à época da controversa aprovação do Estatuto da Família pela Câmara dos Deputados Federais em 2015, que postula que o conceito de “família” é “homogêneo”, como se pode depreender do que o documento impõe⁶. Isto é, exclui do conceito de família qualquer configuração que não seja restrita à união de homens e mulheres cis gênero e seus descendentes, como os núcleos formados por casais homoafetivos.

Os dizeres “galínea fofinha quebradora de tabu” permitem considerar que a página, ao introduzir o meme por meio deles, alinha-se ao posicionamento que emerge da publicação original, compartilhada por ela, marcando, assim, uma posição “mais progressista” em relação ao tema “família”, cuja abertura para a diversidade de gêneros é considerada, pela página, como um “tabu” social. O próprio nome *Quebrando o tabu* permite entrever o objetivo de fazer circular tabus sociais, o que também, em certa medida, explica a cenografia de “fórum de discussão” que é construído no discurso que ela põe a circular, como se os temas colocados em pauta necessariamente precisassem ser “debatidos” para que tabus sejam quebrados. É, pois, como verifiquei anteriormente, o relatado posicionamento “mais progressista” da página alinhado ao enunciado compartilhado que constrói um sistema de hipergenericidade, por meio do qual promove-se a gestão de sua identidade discursiva e delimita-se o que se pode ou não compartilhar.

Em minha pesquisa de mestrado (REZENDE, 2017), analisei também as páginas da rede de supermercados *Pão de açúcar* e do jornal *Folha de S. Paulo*. Nelas, as cenografias de “folheto de supermercado” e de “jornal” são construídas, respectivamente, com base em um apelo ao tipo de discurso (publicitário) e ao gênero do discurso (“notícia”) que se encena. Nessas outras duas páginas consideradas, as publicações colocam em pauta as ofertas e ações da rede de supermercados e as manchetes das matérias do jornal em sua versão *on-line*, demonstrando, pois, que a incidência do sistema de hipergenericidade sobre os temas que são publicados não se dá apenas em *Quebrando o tabu*. Trata-se, por assim dizer, de uma regularidade do dispositivo comunicacional engendrado pela enunciação no Facebook.

Sendo assim, a relação estabelecida entre a página *Quebrando o tabu* e as unidades que ela compartilha, além de indiciar um modo de construção/gestão da identidade de *Quebrando o tabu*, funcionamento proveniente do sistema de hipergenericidade, impõe os temas, geralmente controversos, colocados em pauta nas publicações e que, possivelmente, serão comentados por outros usuários do Facebook.

Como há posições muito diversificadas em relação aos temas que a página aborda, observa-se, nos comentários das publicações de *Quebrando o tabu*, debates calorosos.

6 Cf. Ficha de tramitação do processo na Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://goo.gl/xPHKHL>. Acesso em: 21 set. 2016.

É isso o que ocorre em relação ao conjunto de comentários postados na publicação apresentada em 1. Vejamos a seguir:

2.7

The image shows a screenshot of a Facebook post from the page "Quebrando o Tabu". The post has 8 visible replies. The comments are as follows:

- Comment 1: "Vai ter que abrir conta na mercearia pra comprar leite...kkkkkk...assim como órgão excretor não reproduz, galinha não da leite...kkkk" (171 likes, 21 de setembro às 11:25)
- Comment 2: "Não é por isso que os filhotes morrerão de fome!" (63 likes, 21 de setembro às 11:31)
- Comment 3: "vão comer a Galinha!?...kkkkkk" (16 likes, 21 de setembro às 11:32)
- Comment 4: "Odeio quando a pessoa se finge de idiota pra parecer engraçada 😏" (81 likes, 21 de setembro às 11:46)
- Comment 5: "Bolsonaro 2018" (19 likes, 21 de setembro às 11:47)
- Comment 6: "Sua opinião mudou o mundo, próximo." (35 likes, 21 de setembro às 11:49)
- Comment 7: "O que vc acha que os pintinhos comem? Pois é, a natureza sempre dá um jeito. Podem ter necessidades (como todos os viventes), mas morrer de fome, é que não vão!" (33 likes, 21 de setembro às 11:59)
- Comment 8: "Melhor seria se tu tivesse morrido de fome, um escroto a menos no mundo..." (32 likes, 21 de setembro às 12:06)
- Comment 9: "O orgao excretor da galinha tabn é o orgao reprodutor. E o galo nao tem pinto. É cloaca c cloaca." (43 likes, 21 de setembro às 12:13 - Editado)
- Comment 10: "Discurso de ódio Lucielle? Que coisa feia!" (26 likes, 21 de setembro às 12:24)
- Comment 11: "Órgão excretor reproduzir sim, se não você não estaria aqui." (no likes shown)

Nos comentários apresentados em 2, é mobilizado um registro linguístico que pode ser considerado como caracterizador de um tom violento. Embora esse registro seja

7 Por questões éticas, a partir das ferramentas de edição de imagens, suprimi os nomes dos perfis e as miniaturas de seus avatares que comentaram na publicação.

constitutivo da polêmica discursiva⁸ (MAINGUENEAU, 2008), ele também pode ser tomado como indício da constituição de bate-bocas atrelados ao funcionamento interacional que parece ser próprio dos comentários do Facebook. Ressalta-se que a polêmica discursiva, de acordo com Maingueneau, implica práticas sociais mais institucionalizadas, o que não se verifica no “jogo” de contraposições instaurado pelos comentários dos enunciadores do Facebook. O que busco sustentar é que o “tom” violento que emerge dos bate-bocas nessa rede social é um fenômeno que decorre, fundamentalmente, do mídiuim – a *web* – em que esses comentários são postos a circular: a aparente liberdade pressuposta nas interações na *web* acaba por licenciar manifestações de violência verbal por parte dos enunciadores.

Tal efeito imposto pelo mídiuim *web* é caracterizador de uma das dimensões do dispositivo comunicacional engendrado pela enunciação na página *Quebrando o tabu*. Quando se analisa esse dispositivo tomando como referência tanto esse efeito quanto o efeito que a dimensão do sistema de hipergenericidade acarreta, é possível, pois, avaliar que o dispositivo comunicacional fomenta a construção de bate-bocas, verbalmente marcados por um tom violento, em comentários que se prestam a “debater” os assuntos controversos abordados por *Quebrando o tabu*.

8 Amparado pela perspectiva de AD apresentada pela obra de Dominique Maingueneau (2018), *Gênese dos discursos*, durante o percurso investigativo que tenho desenvolvido tomando o Facebook como objeto, já fui levado a considerar que os comentários postados nessa rede social podiam ser elencados como representativos de polêmicas discursivas que se instituem sobre diferentes temas que engendram controvérsia (Cf. REZENDE, 2016). Entretanto, ao retomar o exame a respeito da teoria do autor, verifiquei que um embate, desse ponto de vista, somente pode receber o estatuto de “polêmica discursiva” se cumprir pelo menos os seguintes requisitos: i) contar com posicionamentos fortemente institucionalizados; e ii) produzir efeitos a partir dos quais um novo posicionamento possa ter sua grade semântica instaurada, o que não se aplica aos comentários dessa rede social. Considerar esses dois requisitos proporcionou a percepção de que o elevado grau de institucionalização dos posicionamentos em uma polêmica discursiva depende da possibilidade de se descrever os textos analisados como decorrentes desse ou daquele posicionamento, cuja grade semântica pode ser classificada como comum a todos os sujeitos que a eles se alinham. Em relação aos comentários do Facebook, há uma dificuldade em se estipular os semas que podem ser descritos como pertencentes a posicionamentos antagônicos; o que se tem é um emaranhado de trocas de turnos “conversacionais” em que se defendem opiniões em torno das temáticas que se debatem, o que não necessariamente supõe a existência de uma polêmica ou pelo menos de enunciados representativos dos posicionamentos implicados por esse fenômeno. Desse modo, tampouco há a possibilidade de se descrever e explicar a gênese de um novo discurso, o que é descrito como efeito direto da noção de polêmica discursiva postulada por Maingueneau. Sendo assim, em comunhão com as expectativas desse analista, ainda que os comentários revelem características também comuns à polêmica, como uma suposta violência verbal, tenho analisado esses enunciados como bate-bocas, inclusive reformulando análises já apresentadas para a comunidade científica e que hoje não se enquadram no modo como tenho compreendido o funcionamento discursivo do Facebook.

Do ponto de vista da cognição distribuída, analiso a rede social Facebook como uma ferramenta cognitiva/discursiva. Assim como os manuais linguísticos considerados por Paveau (2013), o dispositivo comunicacional engendrado pela enunciação em *Quebrando o tabu* no Facebook atua como artefato de tecnologia discursiva, como *input*, lado a lado da interação entre os sujeitos que comentam as publicações da página, por meio do qual há a manutenção de bate-bocas nessa rede social. Caracteriza-se, desse modo, um sistema cognitivo que se distribui entre o ambiente social e material dos sujeitos, que tem como *output* a realização de uma atividade comunicativa – inscrever-se em bate-bocas via rede social.

Como resultado, o que parece efetivamente ser debatido são os quadros pré-discursivos coletivos que alimentam o discurso da página e dos enunciadores que se inscrevem nos bate-bocas por meio dos comentários. Paveau (2013) afirma que o pré-discurso não é um fenômeno necessariamente inscrito na materialidade discursiva, mas deixa sobre ela marcas de sua presença, isto é, indícios que permitem atestar a presença de pré-discursos.

Na publicação da página apresentada em 1, é possível constatar uma forma de apelo ao pré-discurso considerada por Paveau como lexicologismo – comentário sobre o significado de uma palavra. Onde é possível ler “o conceito de família é o que você quiser” constata-se um quadro de valor que parece ser recorrente na sociedade brasileira, segundo o qual o termo “família” designa uma instituição tradicional, composta por homens e mulheres cis gênero e seus descendentes, ao modo como isso é normatizado pelo Estatuto da Família. Ocorre justamente a estabilidade desse quadro de valor sendo posta em xeque pela página, permitindo acessar outro quadro pré-discursivo no qual o termo “família” é tomado como correlato de uma instituição diversificada. Isso se afere especialmente pela negação do quadro pré-discursivo que informa que “família é uma instituição tradicional”, pois “pode ser o que você quiser”. Sendo assim, é a resignificação, um procedimento lexicológico, do termo “família” que atua como indício da presença do pré-discurso (“família é diversidade”) que alimenta seu discurso.

Observa-se que a galinha e os filhotes de cachorro na publicação em 1 são representativos dessa orientação de “família” que a página assume. O primeiro comentário da imagem apresentada em 2 pode ser tomado como exemplar do debate sobre a estabilidade/instabilidade dos quadros pré-discursivos que alimentam os bate-bocas. Nele, o enunciado que afirma “aparelho excretor não reproduz” indicia um quadro pré-discursivo de saber que lança mão do conhecimento biológico em torno das funções dos órgãos reprodutores de animais que representam, aqui, o ser humano. A incidência desse pré-discurso sobre o enunciado permite reconhecer, pois, a estabilidade/instabilidade do quadro de valor que orienta a publicação da página, segundo a qual “família é diversidade”. Em 2, a orientação biológica do quadro de saber pré-discursivo informa que “família é homogênea”, constituída somente por relações que promovam certo funcionamento

biológico reprodutivo da espécie. Além disso, ele fornece subsídios para que o quadro de valor de “família tradicional” seja reforçado, contrapondo-se à publicação de *Quebrando o tabu*.

Os dois enquadres pré-discursivos em torno de “família” (“diversidade” e “tradição biológica”) descritos com base em 2 são recorrentes em outros comentários postados à publicação de *Quebrando o tabu* em 1 e exemplificam outra forma de apelo pré-discursivo descrita por Paveau (2013): as perguntas retóricas. Vejamos:

3.

Andréa Aransazú Di Castro Machado Tínhamos uma poodle que adotou três pintinhos...cuidou com muito amor. ❤️ Família? É onde o AMOR mora. Fim. 😊

Curtir · Responder · 2 a · Editado

14

4.

Marcos Paulo Martins Ribeiro Cruza uma galinha com um cachorro, sabe o que vai nascer? Nada. Igual cruzar dois iguais, ideologia de gênero NUNCA vai quebrar a biologia natural.

Curtir · Responder · 2 a

3

Nos exemplos 3 e 4, respectivamente, as perguntas “família?” e “cruza uma galinha com um cachorro, sabe o que vai nascer?” não são feitas para serem respondidas por outros enunciadores inscritos no debate sobre a publicação da página, mas apontam para os quadros pré-discursivos coletivos que alimentam os discursos desses locutores. A interrogação mobilizada pelos locutores em 3 e 4, na verdade, coloca em cena o que ambos consideram como família a partir de um enquadre pré-discursivo. No comentário 3, constata-se uma valoração à estrutura familiar como heterogênea, tomada pelas relações amorosas que se instituem entre os membros (“família é onde o amor mora”). Em 4, o enquadre do conhecimento “biológico” permite considerar que família somente é formada por uma mesma espécie entre os caracteres macho e fêmea. Assim, ela aponta para o mesmo pré-discurso que alimenta o primeiro comentário em 2, pois “não é natural cruzar dois iguais”, o que vai contra a “biologia natural”.

Esses últimos dois exemplos reforçam a operacionalidade do conceito de pré-discurso na análise de bate-bocas no Facebook, pois: i) demonstram que os enquadres pré-discursivos em torno de valores, saberes e práticas são recorrentes no discurso da comunidade de

comentadores de *Quebrando o tabu* ainda que as opiniões inscritas nesses debates não sejam representativas de discursos mais institucionalizados e, portanto, não sofram um grau alto de “controle”; e ii) demonstram que os indícios de apelo aos pré-discursos no *corpus* analisado são diversificados e apresentam, pelo menos *a priori*, duas formas dentre aquelas descritas por Paveau (2013) – o lexicologismo e as perguntas retóricas.

Tais dados apontam fortemente para a hipótese de que o dispositivo comunicacional, a rede social Facebook tomada como ferramenta cognitiva/discursiva, e o funcionamento da cognição distribuída atuam para a promoção de bate-bocas, nos quais quadros pré-discursivos coletivos são debatidos. Ressalta-se que os dados analisados neste trabalho constituem apenas uma pequena amostragem, porém o funcionamento discursivo que constatei e descrevi a partir deles tem sido bastante recorrente no conjunto maior do *corpus* mobilizado em minha pesquisa de doutorado.

Considerações finais

A pesquisa de doutorado da qual este trabalho decorre está em fase inicial de análises. Entretanto, conforme as hipóteses apresentadas, é possível avaliar que o conjunto de dados aponta para a produtividade da explicação do funcionamento discursivo do Facebook com base no aporte teórico mobilizado. Observa-se que, na descrição e explicação desse funcionamento, tanto a perspectiva enunciativa de Dominique Maingueneau (2006, 2008, 2010, 2013) como a vertente discursivo-cognitiva de Marie-Anne Paveau (2013) contribuem com um aporte teórico bastante operacional para a análise que proponho fazer, justificando a interface a que procedo entre esses dois referenciais.

Para as próximas fases do desenvolvimento da pesquisa, buscarei ampliar as reflexões em torno da perspectiva cognitiva assumida em relação ao funcionamento do dispositivo comunicacional. Além disso, também buscarei ampliar as análises, na busca por demonstrar a produtividade das reflexões apresentadas, como forma de contribuir para as pesquisas em AD ao assumir um objeto de estudo que, embora tenha sido preocupação de diversos analistas, ainda precisa ser exaustivamente explicado, como é o caso do fenômeno da rede social.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? Tradução Nilcéa Valdati. *Outra Travessia*, Florianópolis: UFSC, n. 5, p. 9-16, 2005.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

DEBRAY, R. *Curso de Miologia Geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.

HUTCHINS, E. *Distributed cognition*. University of California: IESBS, 2000. Disponível em: <http://comphacker.org/pdfs/631/DistributedCognition.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

MAINGUENEAU, D. Mídium e discurso. In: MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 5. ed. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva. São Paulo: Cortez Editora, 2013. p. 71-83.

MAINGUENEAU, D. O quadro genérico. In: MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 229-246.

MAINGUENEAU, D. Hipergênero, gênero e internet. In: MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 129-138.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.


PAVEAU, M. A. *Os pré-discursos: sentido, memória e cognição*. Tradução Costa e Massmann. Campinas: Pontes Editores, 2013.

REZENDE, B. *Hipergênero e sistema de hipergenericidade: análise do funcionamento discursivo do Facebook*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

REZENDE, B. Polêmica discursiva e intertextualidade: em pauta o compartilhamento de notícias na rede social. *PERcursos Linguísticos*, Vitória: UFES, v. 6, n. 13, 2016/02. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/13542/10271>. Acesso em: 23 jul. 2017.

REZENDE, B. Do gênero ao hipergênero, do hipergênero ao sistema de hipergenericidade: um estudo sobre o funcionamento discursivo do Facebook. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 13, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/42051>. Acesso em: 06 jan. 2020.

SALGADO, L. S.; DELEGE, M. Mundo ético e mídiom: uma cenografia paulistana para a ciência brasileira. *Letras de hoje*, v. 53, n. 3, p. 347-385, jul./set. 2018.



SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 28. ed. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (org.). São Paulo: Cultrix, 2012.

ZATI, P. *O funcionamento da comunidade discursiva construída em torno das fanfictions*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.